

Estudo dos organizadores grupais e socioculturais por meio do desenho infantil

Antônio Térzis e Roberto Denis Huber
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Essa pesquisa trata do estudo dos Organizadores Psíquicos Grupais e dos Socioculturais propostos por Kaës (1967), por meio do desenho infantil. Segundo este autor, tais organizadores são representações psíquicas presentes nas mentes das pessoas que determinam a forma como cada indivíduo vivencia um grupo qualquer. A coleta de dados recaiu sobre uma população composta por 30 crianças de ambos os sexos, que estudavam em uma instituição de assistência social e religiosa na periferia de Campinas. Foi solicitado a cada criança que fizesse dois tipos diferentes de desenho. O primeiro deles teve como tema "desenhe sua família" e o segundo teve como tema "desenhe um grupo qualquer". Constatou-se que em todos os desenhos que representavam uma família, era característica a falta de ação dos personagens representados. O oposto ocorreu nos desenhos que representavam um grupo qualquer, ou seja: nestes últimos, os personagens representados estavam sempre realizando uma ação e os autores dos desenhos procuravam representar um grupo, utilizando um ou mais dos Organizadores Psíquicos propostos por Kaës (1967).

Palavras-chave: Grupo, Organizadores Psíquicos, Desenho Infantil

Abstract

A study of grupal and sociocultural psychoorganizers through children drawings

This research studied the grupal and sociocultural psycho organizers as proposed by Kaës (1967), through child drawings. According to this author, these organizers are psychic representations present in the persons mind which determine the form that each individual experiences life in a particular group. The research study was conducted with a group of 30 children, of both sexes who were studying in an institution of social and religious assistance on the periphery of Campinas, in the state of São Paulo, Brazil. Each child was asked to draw two different types of pictures. For first type, the child was told to "draw a picture of your family" and for the second "draw a picture of any group". In all representing the family, there was a lack of action in the people that were drawn. The opposite occurred when the drawings represented any other group. In these, the people drawn were always performing an activity and the authors of the drawing tried to represent a group using one or more of the psycho organizers proposed by Kaës.

Key words: Group, Psycho Organizers, Child Drawings

Introdução

O conceito da palavra grupo, significando um objeto representado, foi fruto de uma evolução histórica e está associado a desenvolvimentos recentes, principalmente na década de 1960 deste século, sob a influência de Pontalis.

A palavra grupo data do século XVII na Itália, quando se empregou a palavra "Groopo" para designar uma pintura desenhada por um conjunto de pessoas e em algumas outras ocasiões para designar um conjunto de objetos. No século XVIII, a palavra grupo foi utilizada pela primeira vez na França, para designar uma reunião de pessoas. Em 1958, Pontalis

realizou um estudo crítico sobre as diversas práticas e teorias relativas à dinâmica e à psicoterapia de grupos realizadas até então. Esse autor constatou que os fatos observados e analisados nos grupos permitiam concluir que as pessoas se reuniam nos mesmos apenas com a finalidade de superarem obstáculos. Em outras palavras, os grupos eram compreendidos como sendo um conjunto de pessoas que visavam exclusivamente a solução de problemas e quando estes se resolviam, os grupos se desintegravam. Desta forma, a opinião daquela época não considerava que as emoções pudessem se manifestar no interior dos grupos.

Pontalis considerou importante explicar como um grupo poderia operar efetivamente dentro de uma realidade estruturada e atuante, capaz de

informar não só imagens ou devaneios, como também todo o campo do comportamento humano. Nesse sentido, este último autor, em 1960, propôs uma noção de como no interior dos grupos ocorreria a organização da energia psíquica. Esta noção se baseava nos conceitos da psicanálise e definia os grupos como sendo a representação da imagem de um corpo, ou melhor, de um objeto representado no qual seus membros poderiam estabelecer uma série de relações entre si e entre o próprio grupo.

Portanto, os membros de um grupo davam existência a este através de uma rede de catexias afetivas e representações psíquicas que depositavam sobre o mesmo. Esta forma de compreensão dos grupos norteou dois outros autores, Anzieu e Kaës.

Anzieu em 1966 propôs um modelo para explicar como um grupo poderia informar o estado emocional dos seus membros. Esse autor defendeu a tese segundo a qual o grupo é um sonho. Desta forma, como acontece nos sonhos, os grupos operam de forma a permitir que as fantasias dos seus membros se expressem, informando-nos não só sobre imagens e devaneios como também sobre todo o campo do comportamento humano.

Segundo Kaës (1967), a fim de que um indivíduo, quando estivesse em uma situação de grupo, pudesse realizar o desejo de se unir a um corpo que lhe oferecesse proteção e amparo, ele necessitaria representar a imagem deste corpo a partir de dois sistemas de referenciais psíquicos, os organizadores psíquicos grupais e os socioculturais.

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender, por meio do desenho infantil, como os organizadores psíquicos podem representar o objeto grupo.

Nossa hipótese é que um grupo pode ser representado pela imagem de um corpo através dos dois sistemas de Organizadores Psíquicos propostos por Kaës em 1967.

Método

Esta pesquisa recaiu sobre uma amostra composta por 30 crianças de ambos os sexos em igual número, com idades que variaram dos 6 aos 11 anos. Todos os sujeitos moravam numa favela na periferia de Campinas - SP e no período vespertino frequen-

tavam uma entidade assistencial que fornecia alimentação, reforço escolar e apoio religioso. O horário de funcionamento desta instituição era das 13:00 às 17:00h de segunda à sexta-feira, sendo as crianças divididas em dois turnos de uma hora e meia de duração cada um. Havia um intervalo de meia hora entre os turnos, o que permitia que as crianças se reunissem em um único grupo durante o recreio, recebendo neste momento a merenda. Respeitando o horário de funcionamento desta instituição e sua divisão em turnos, solicitamos a cada uma destas crianças que fizessem dois tipos diferentes de desenhos. O primeiro teve como tema “desenhe a sua família” e o segundo “desenhe um grupo qualquer”. Cada criança realizou o seu próprio desenho ao redor de uma única mesa e cada tema foi elaborado em dias diferentes devido ao tempo que cada sujeito despendia para a execução da tarefa solicitada.

Basearemos a análise dos resultados no método proposto por Mathieu (1965) e adaptado por Kaës (1967). Segundo Mathieu, os desenhos devem ser interpretados como o relato de um mito, ou de um sonho, em que as diversas associações nos levam ao tema principal. A modificação proposta por Kaës ao método de análise consistiu em relacionar os diversos temas dos desenhos, com a elaboração de uma fantasia, conferindo-lhes desta forma uma interpretação baseada nas teorias de Melanie Klein.

Análise e discussão dos resultados

Características gerais dos desenhos de família comparados com os de grupo

Em todos os desenhos que representavam a família dos sujeitos de nossa pesquisa, os personagens foram desenhados em linha reta, parados, olhando para frente como se estivessem posando para uma fotografia. Como exemplo, utilizaremos o desenho de família número 1, elaborado por uma menina de 10 anos. O contrário aconteceu para os desenhos de grupo, ou seja, em todos estes últimos predominou uma ação. As crianças relatavam com interesse a atividade que seu grupo executava e os personagens representados eram exaltados, como, por exemplo, o desenho 2 elaborado por um menino de 9 anos que representou uma partida de futebol com dois times famosos, identificando-se com um

jogador representado. Esta comparação da existência ou não de uma ação, entre os desenhos de família e os de grupo, tem a ver com os pressupostos de Kaës (1967), de que as pessoas vão aos grupos a fim de realizarem desejos; ou segundo a tese de Anzieu (1966), de que os grupos funcionam como se fossem um sonho.

Os organizadores psíquicos socioculturais

Estes dizem respeito a três modelos de grupo que existiram anteriormente na história da humanidade e atualmente servem de exemplo para a constituição dos grupos atuais. Cada um desses modelos é exemplificado a seguir.

Primeiro Modelo: “O modelo cristão”. Ilustrado pelo grupo de Cristo e seus doze apóstolos. Caracteriza-se por uma estrutura hierárquica de grupo (um mestre e seus discípulos), uma abdicação dos afazeres diários mas com um compromisso com o mundo, neste caso, o de evangelizar todos os povos. Como exemplo, é apresentado o desenho 3, elaborado por um menino de 8 anos que representou uma escola com o professor e seus alunos (sistema hierárquico). Uma escola também tem uma missão, a do ensino. Esse modelo de grupo se refere às instituições em geral.

Segundo Modelo: “O modelo hebraico”. Diz respeito às doze tribos de Israel, que se isolaram das outras culturas a fim de preservar as Escrituras Sagradas. Serve de exemplo o desenho 4, elaborado por um menino de 10 anos que representou uma tribo de índios. Esse modelo de grupo diz respeito a todos os grupos que se isolam do mundo nos dias atuais, visto que o isolamento é a sua grande marca.

Terceiro Modelo: “O modelo igualitário”. Diz respeito ao Mito dos Argonautas ou às Cruzadas. Caracterizou-se por grupos nos quais todos os seus membros são iguais, realizam um feito heróico e vão em busca de um objeto perdido. Como exemplo, é apresentado o desenho 5, elaborado por um menino de 9 anos que representou uma partida de futebol. Nesse caso, os jogadores são igualmente importantes numa disputa e vão em busca da taça que os consagrará como campeões.

Os organizadores psíquicos grupais

a) A imagem de um organismo (delimitado ou não). Neste caso o grupo seria comparado a um organismo delimitado em suas fronteiras ou não. No desenho 6, elaborado por uma menina de 11 anos, observamos uma árvore com frutas em seu interior. Portanto, o grupo é representado por um organismo (árvore) que se encontra delimitado no espaço. Já no caso do desenho 7, elaborado por uma menina de 10 anos, o grupo foi representado por pássaros com bolas debaixo de suas asas. Não existe uma estrutura que contenha essas bolas nas asas que se encontram soltas pelo ar. Este é um exemplo de uma representação de grupo através de um organismo que não está fechado em seus contornos no espaço. Segundo Kaës, esta forma de representação de um grupo através de um organismo “aberto” tem a ver com as teorias de Melanie Klein dos bebês-fezes e bebês-pênis que se desgarram da sua mãe.

b) As fantasias originárias. Neste caso o grupo é representado através das fantasias originárias, ou seja, as da cena primitiva, as de sedução, as de castração etc. Serve de exemplo o desenho 8, elaborado por uma menina de 10 anos que representou um casamento na floresta, no qual podemos observar as três fantasias originárias citadas anteriormente.

c) Os complexos familiares e as imagens parentais. Neste caso o grupo é representado a partir dos complexos familiares (Complexo de Édipo e do Desmane). Também pode-se representar o grupo através de figuras familiares. Como exemplo, são apresentados o desenho 9, elaborado por um menino de 9 anos, no qual foi representada uma “gang” de escola junto à qual o pai estava morto (Complexo de Édipo), e o desenho 10, elaborado por um menino de 10 anos, que representou seu grupo através de figuras familiares que viajavam para Belém do Pará (Imagens Parentais).

d) A imagem do aparelho psíquico individual. Neste caso, as instâncias do Aparelho Psíquico Individual seriam aplicadas no grupo. Novamente serve de exemplo o desenho 2, elaborado por um menino de 9 anos, que representou uma partida de futebol.

Nesse desenho, as instâncias do Aparelho Psíquico Individual (Ego, Id e Superego) foram aplicadas na representação do desenho de grupo da seguinte forma: o juiz e os bandeirinhas funcionam como o Superego do grupo, a vontade dos jogadores em realizarem a partida de futebol funciona como o Id e o “combinar o jogo” funciona como a parte racional do grupo ou seu Ego.

Conclusão

Na análise dos desenhos realizados pelos sujeitos, foi constatado que naqueles que representavam um grupo qualquer predominava sempre a existência de uma ação ou uma façanha, que exaltava o grupo em questão. Por outro lado, os desenhos de família foram todos representados de uma forma estática: seus personagens pareciam estar posando para uma fotografia.

Esses aspectos mencionados nos permitem concordar com a tese enunciada por Anzieu (1966), segundo a qual o grupo é um sonho, e com Kaës (1991), para quem as pessoas iriam aos grupos, como se fossem aos sonhos, ou seja, para realizarem desejos.

Nos desenhos de grupo elaborados pelos sujeitos da presente pesquisa, também foi constatado que as pessoas procuram representar um grupo qualquer baseando-se nos Organizadores Psíquicos Grupais e nos Socioculturais propostos por Kaës (1967).

Referências

- ANZIEU, D. (1966) L'Imaginaire dans les groupes. *Cahier de Psychologie* (1): 7-10.
- KAËS, R. (1967) *L'Appareil psychique groupal - Construction du groupe*. Paris: Bordas Dunod.
- MATHIEU, P. (1967) Essai de interprétation de quelques pages du rêve celtique. *Interpretation*. (2): 32-39.
- PONTALIS (1963) Le petit groupe comme objet. *Les Temps Modernes*. (211): 1057-1069.